

## ENCONTROS, DESENCONTROS E REENCONTROS SOBRE DUAS RODAS<sup>1</sup>

Daniella Tschöke Santana,

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Simone Aparecida Rechia,

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Karine do Rocio Vieira dos Santos,

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

### RESUMO

*Este estudo discute momentos de encontros, desencontros e reencontros de usuários de bicicleta de Curitiba/PR em relação à pedalar, estabelecendo possíveis relações com o lazer. A metodologia envolveu o registro de um percurso de bicicleta com a verbalização da experiência e entrevista semiestruturada. Vimos que pedalar é uma prática introduzida na infância, mas que gradativamente perde espaço no cotidiano. Elementos disparadores objetivos e subjetivos influenciam no retorno da atividade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Bicicleta; Cidade; Lazer.

### INTRODUÇÃO

Onipresente nas sociedades, a bicicleta não é artefato unitário ou monolítico, mas heterogêneo, multidimensional e contextual (VIVANCO, 2013), sendo inúmeros os objetivos, possibilidades de uso e significados nos diferentes tempos e espaços sociais em que é utilizada. Este estudo visa discutir processos relacionados aos encontros, desencontros e reencontros que usuários de bicicleta de Curitiba/PR relataram ter vivenciado em relação à prática de pedalar no decorrer das suas vidas, estabelecendo possíveis relações com o tempo/espaço do lazer.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) para sua realização e apresenta um recorte dos dados do estudo de doutorado intitulado “Pedalar na cidade de Curitiba/PR: interfaces entre espaço urbano, a bicicleta e as experiências de lazer”

## METODOLOGIA

Optamos por um formato qualitativo de metodologia e com base em Kusenbach (2003), Jones e Evans (2012) e Scott (2018), propomos que os 17 participantes da pesquisa (10 homens e 7 mulheres, usuários da bicicleta entre no mínimo 2-3 vezes por semana) registrassem com GPS um percurso de bicicleta que considerassem uma experiência de lazer, verbalizando ao mesmo tempo experiências, acontecimentos e sensações (registros via aplicativos de *smartphone*). Consideramos esta estratégia tendo em vista a possibilidade dos participantes se sentirem mais à vontade pedalando sem nossa presença, escolhendo trajetos, tomando decisões, respeitando seus ritmos particulares de pedalada e relatando suas experiências com maior autonomia.

Os dados da pesquisa foram obtidos em três etapas: (1) orientações iniciais, entrega dos instrumentos de pesquisa (bolsa de guidão, *smartphone*, microfone de lapela, guia com orientações)<sup>2</sup> e assinatura do TCLE; (2) narração e registro de um trajeto realizado de bicicleta por parte dos participantes; (3) devolução do material às pesquisadoras e realização de entrevista semi-estruturada, com perguntas relacionadas ao uso da bicicleta, a pedalar na cidade e seleção da rota, a corporeidade do pedalar e emoções. Parte das entrevistas foi realizada remotamente, tendo em vista o momento pandêmico da COVID-19 que perpassou a obtenção dos dados. Neste trabalho, especificamente, discutiremos as respostas provenientes da pergunta “Como se construiu e como é atualmente sua relação com o uso da bicicleta?” da entrevista semi-estruturada.

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Saúde (CEP/SD), da Universidade Federal do Paraná, sob o parecer CAAE 13398519.8.0000.0102

## ENCONTROS, DESENCONTROS E REENCONTROS

Mesmo evocando biografias únicas, identificamos como fator de unanimidade no universo de participantes da pesquisa que os primeiros encontros com a bicicleta e o aprendizado da habilidade de pedalar ocorreram no contexto da infância/adolescência, vinculados ao incentivo de pessoas do convívio próximo/familiar, como irmãos, pais, mães, avôs.

---

<sup>2</sup> Álcool em gel e máscara descartável para os participantes em que o registro aconteceu durante a pandemia da COVID-19.



[...] quem me apresentou pra este universo da bicicleta foi meu avô, porque ele gostava de pedalar e ele levava a gente (Participante 2, Professor Universitário, 35 anos).

Bom, eu pedalo desde pequena, desde criança, eu sempre pedalei né. [...] dos seis até doze, trezes anos, sempre tive bicicleta. (Participante 8, Gerente Comercial, 53 anos).

Nessa fase, a prática parece assumir a perspectiva do brincar, da diversão, da experimentação lúdica do objeto. A dimensão lúdica e as experiências de lazer na infância são potencializadas a partir do equipamento bicicleta, pela expansão do alcance corporal e possibilidade de deslocamento com maior autonomia, mobilizando também uma dimensão subjetiva associada à liberdade, ainda que muitas vezes se trate de uma liberdade paradoxalmente controlada, pois muitas vezes cerceada pelo olhar atento do adulto.

Augé (2008) reflete que as experiências com a bicicleta na infância podem proporcionar a ampliação de horizontes, tanto pelo conhecimento progressivo de si quanto pela oportunidade de expandir territórios, num “corpo a corpo” com o espaço e consigo mesmo. Andar de bicicleta constitui, portanto, uma oportunidade de independência para a criança, de superar medos, adquirir autoconfiança, compreender o espaço por onde circula, observar e experimentar diferentes cenários, avaliar riscos, testar habilidades, ampliar competências, compreender o que seu corpo é capaz de fazer com aquele objeto.

Entretanto, analisando as trajetórias reveladas, identificamos que estas experiências iniciadas na infância são interrompidas ou parecem “apagar-se” em algum momento da vida dos participantes, reaparecendo com maior intensidade apenas na idade adulta. Ao serem questionados sobre suas histórias com a bicicleta, alguns participantes desenvolveram suas narrativas a partir de eventos “recentes”, isto é, principalmente a partir do momento em que a bicicleta passa a integrar de maneira mais frequente seus cotidianos. Poucos foram aqueles que pareceram manter uma relação ininterrupta com a bicicleta desde a infância até os dias atuais.

[...] sempre tive bicicleta, mas não podia andar de bicicleta na cidade, então era só dentro do quintal, toda, toda parte de infância e adolescência, e depois, fiquei uns 15 anos sem tocar numa bicicleta até que depois comecei a praticar esporte e eu adquiri a bicicleta novamente e comecei a andar pela cidade. (Participante 3, Engenheiro Químico, 32 anos).





Estes períodos de “desencontros” ou distanciamentos que acontecem em relação ao uso da bicicleta entre a infância e a vida adulta, uns mais prolongados, outros mais curtos, podem estar associados às formas cada vez mais complexas e não equânimes na organização do espaço urbano. A intensidade e violência do trânsito, falta de espaços dedicados à bicicleta e questões de insegurança pública são elementos que contribuem para cercear o direito das crianças e adolescentes de pedalar, restringindo suas experiências com a bicicleta.

A preocupação dos pais com a segurança das crianças em situações de trânsito não é o único determinante, mas é um fator importante em relação ao ciclismo infantil (ALDRED, 2015). As experiências acabam se tornando muito dependentes da mediação do adulto, ocorrem em espaços restritos ou excessivamente controlados e, nos casos mais complexos, a prática pode deixar de compor a gama das vivências infantis, substituída por alternativas mais “confinadas” ou “emparedadas”.

Ainda que uma relativa autonomia seja mais desenvolvida na adolescência e que a mediação do adulto já não se mostre mais tão necessária (ou mesmo tão aceita pelos jovens), a constituição dos espaços urbanos tende a não favorecer a manutenção da prática, pelo receio dos responsáveis ou dos próprios adolescentes em circular de bicicleta em alguns contextos. A falta de oportunidades urbanas somada ao imaginário social historicamente construído no Brasil de supervalorização em torno do automóvel e desvalorização da bicicleta, são elementos que podem apresentar uma parcela de contribuição nesse processo de distanciamento em relação ao uso da bicicleta. Também questões relacionadas ao corpo e ao envolvimento em atividades e comportamentos de cunho sedentário são características dessa fase da vida (ALBERICO et al, 2017) e podem contribuir para posicionar a bicicleta enquanto prática notadamente corporal em segundo plano.

Após períodos de ausências nos cotidianos dos participantes, situações distintas oportunizaram “reencontros” com a bicicleta, os quais revelaram-se processuais e gradativos, com elementos “disparadores” discerníveis. Para alguns participantes a decisão por retomar ou intensificar o uso da bicicleta aparece como resolução de um desafio relacionado ao transporte (DUNLAP et al, 2020), geralmente associado à mobilidade ao trabalho e/ou faculdade, como alternativa ao uso do transporte público (ônibus) ou do carro nestes deslocamentos, por questões de praticidade, flexibilidade de horários e/ou economia financeira. Outros elementos disparadores foram a influência de pessoas provenientes dos círculos de amizade que fazem uso da bicicleta, como também a percepção da necessidade de realização de uma atividade física.

A reaproximação com a bicicleta, nas várias dimensões (esporte, transporte, lazer) envolve tanto condições concretas de existência, quanto aspectos individuais de âmbito subjetivo, como o



desenvolvimento da autoconfiança, a percepção de que o corpo é fisicamente capaz para a empreitada de se locomover pedalando pela cidade, além do esforço pessoal em colocar-se disponível corporal e emocionalmente em direção ao uso da bicicleta (superar a preguiça, o clima, enfrentar as dores corporais decorrentes, os riscos iminentes).

A decisão por (voltar) a pedalar é decorrente, portanto, de uma soma de ponderações e experimentações que gradativamente conduzem à percepção da viabilidade do uso da bicicleta, despertando paulatinamente o interesse e formando as bases necessárias até que a prática seja novamente ou efetivamente incorporada ao cotidiano.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo vimos que pedalar é uma prática de lazer introduzida costumeiramente na infância, revelando como a bicicleta é um objeto que pode integrar a vida dos sujeitos desde tenra idade, período importante para estabelecer as bases que possibilitam aos participantes hoje vivenciarem a bicicleta. Identificamos também que a bicicleta foi gradativamente perdendo espaço ou ausentando-se em determinado momento da vida e como elementos disparadores como a necessidade de deslocamento para o trabalho/faculdade, influência de amigos e pessoas do convívio próximo que utilizam a bicicleta, percepção pessoal da necessidade de engajar-se em uma atividade física, constatação da praticidade, economia e viabilidade influenciam no retorno da atividade ao cotidiano dos participantes.

As (re)incursões do uso da bicicleta passam pela solidificação de uma logística do pedalar, que se adequa à organização cotidiana pessoal, familiar e profissional, à disponibilidade do equipamento, às capacidades corporais, até ocorrer uma espécie de “epifania” (DUNPAL ET AL, 2020), na qual se percebe a possibilidade e os benefícios materiais, sociais, pessoais em se deslocar para diversos lugares de bicicleta, mesmo considerando um contexto urbano ainda minoritário e hostil em relação ao uso da bicicleta, como é o caso curitibano.

Consideramos que as cidades precisam estar mais bem preparadas, a partir de iniciativas de âmbito macro e micro estrutural, para evitar a formação das lacunas evidenciadas acima, com especial atenção à infância e adolescência, e propiciar que o uso da bicicleta seja contínuo ao longo da vida.

## ENCOUNTERS, DISCOUNTERS AND DISCOVERIES ON TWO WHEELS

### ABSTRACT

*This paper discusses the encounters, mismatches and reunions that bicycle users reported experiencing. The methodology included the proposition of a GPS record of a bicycle route, verbalizing their experiences and a semi-structured interview with each user. We saw that cycling is a practice introduced in childhood, but that gradually loses space and that different triggers influence the return of the activity, which gradually returns to everyday life*

**KEYWORDS:** *Bicycle; City; Leisure.*

## ENCUENTROS, DESCUENTOS Y DESCUBRIMIENTOS EN DOS RUEDAS

### RESUMEN

*Este documento analiza los encuentros, desajustes y reencuentros que los usuarios de bicicletas informaron haber experimentado. La metodología incluyó la propuesta de un registro GPS de una ruta en bicicleta, verbalizando sus experiencias y una entrevista semiestructurada con cada usuario. Vimos que el ciclismo es una práctica introducida en la infancia, pero que poco a poco va perdiendo espacio y que distintos detonantes influyen en el retorno de la actividad, que poco a poco vuelve a la vida cotidiana.*

**PALABRAS CLAVES:** *Bicicleta; Ciudad; Ocio.*

### REFERÊNCIAS

ALBERICO, C. O.; SCHIPPERIJN, J.; REIS, R. S. Use of global positioning system for physical activity research in youth: ESPAÇOS Adolescentes, Brazil. **Preventive Medicine**, [s. l.], v. 103, p. S59–S65, 2017.

AUGÉ, Marc. **El elogio de la bicicleta**. Barcelona: Gedisa, 2008.

ALDRED, R. Adults' attitudes towards child cycling: a study of the impact of infrastructure. **European Journal of Transport and Infrastructure Research**, [S.l.], v. 15, n. 2, apr. 2015.

DUNLAP, R.; ROSE, J., STANDRIDGE, S. H., PRUITT, C. L. Experiences of urban cycling: emotional geographies of people and place. **Leisure Studies**, 2020.

JONES, P.; EVANS, J.. The spatial transcript: Analysing mobilities through qualitative GIS. **Area**, 44(1), p. 92–99, 2012.



CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

KUSENBACH, M. Street phenomenology: the go-along as ethnographic research tool. **Ethnography**. Vol 4, n. 3, p.455–485, 2003.

SCOTT, G. C. **What is like to ride a bike**: understanding cyclist experiences. 2018. 211f. Tese (Doctor of Philosophy) - Curtin University Sustainability Policy (CUSP) Institute, Curtin University, Curtin, 2018.

VIVANCO, L. A. **Reconsidering the bicycle**: An anthropological perspective on a new (old) thing. New York, NY: Routledge, 2013.

